

AMBIENTE ALFABETIZADOR: TEORIA VERSUS PRÁTICA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM TURMAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Sayonara Fernandes Chagas; Paula Eva Nunes Moura; Jéssica de Araújo Oliveira; Aparecida Carneiro Pires

Universidade Estadual do Ceará, sayonara.fernades@aluno.uece.br

Universidade Estadual do Ceará, paulaeva.nunes19@gmail.com

Universidade Estadual do Ceará, jessicadearaujooliveira@gmail.com

Universidade Federal da Bahia, acppedagoga@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo socializar aprendizagens a partir do diálogo entre discentes e uma professora universitária do curso de Pedagogia, Centro de Educação, (CED) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) a partir da disciplina de Ensino Língua Portuguesa. Para tanto, a temática envolvida na matéria mencionada anteriormente, refere-se às questões relativas à alfabetização e letramento, especificamente, compreender as posturas docentes quanto ao conceito de ambiente alfabetizador, identificar métodos de alfabetização e avaliar as suas práticas sociais de leitura. Diante desta atividade proposta à turma, três licenciandas realizaram análises práticas em três escolas da rede municipal de ensino, situadas em Fortaleza - Ceará. A pesquisa trata-se de uma análise empírica, qualitativa, utilizando de observações e entrevistas semiestruturadas com 3 professoras do 1º ano do Ensino Fundamental das referidas instituições. Fundamentados em Soares (2004), Passarelli (2004), Severino (2007), Freire e Shor (1886), entre outros, compreendeu-se a necessidade de evidenciar os avanços e retrocessos, pertinentes às práticas de leituras, a partir de outra proposta didática que favoreça no processo de alfabetizar letrando.

Palavras - chaves: Alfabetização; Letramento; Práticas Pedagógicas; Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

O artigo tem por objetivo geral, socializar as aprendizagens a partir do diálogo entre graduandos e professora universitária da disciplina de Ensino de Língua Portuguesa do curso de Pedagogia, Centro de Educação, (CED) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Para tanto, a temática envolvida na disciplina mencionada anteriormente, refere-se às questões relativas à alfabetização e letramento, levando-nos a compreender sobre as posturas docentes, no contexto da Educação Básica. Diante disso, como objetivos específicos, procuramos por meio da pesquisa com

as professoras, compreender o conceito de ambiente alfabetizador; identificar os seus métodos de alfabetização e avaliar as suas práticas sociais de leitura.

Por meio de atividade proposta à turma de Ensino de Língua Portuguesa que possuiu como objetivo a observação de uma sala de aula de 1º ano do ensino fundamental para que fosse analisado nas escolas como estava acontecendo o processo de alfabetização e letramento dos educandos, situação que se contextualizou com o estudo em Soares (2004), Passarelli (2004), Severino (2007), Freire e Shor (1886) e outros autores na disciplina. Por esta razão 3 Licenciandas realizaram análises práticas de 3 Escolas da rede municipal de ensino, situadas em Fortaleza - Ceará. De acordo com Soares (2004), A alfabetização é compreendida por adquirir a organização da escrita convencional, é onde o educando começa a aprender a formar palavras. Já o letramento, permite o educando a obter habilidades de leitura e escrita e dessa forma, identificá-las em seu cotidiano, no viver em sociedade, em sua família. É um processo que o educando começa a ter uma postura daquilo que ele percebe ao seu redor. Sabe-se que alfabetização e letramento são dois processos distintos mas que não se separam.

A concepção de alfabetizar letrando surgiu como proposta de configurar uma ação que conduza as práticas da escrita com leituras sociais e significativas para os alunos. Por isso, alfabetizar não se limita apenas ao ato de codificar e decodificar apenas, mais também, como proposta de ressignificar uma educação que até então deixava de lado o valor das práticas de leitura sociais, a luz do pensamento de Soares (2004).

No que se refere inserção do indivíduo na sociedade, se faz necessário habilidades de escrita e leitura. Contudo, se analisarmos o papel da Escola e sua importância no processo de alfabetização e letramento percebem-se uma discrepância das ideias que são propostas e que distanciam o aluno da leitura crítica, além do pouco significado social que vem sendo atribuída dos textos. Esse distanciamento revela a pouca associação que o educando faz da escola ao meio social em que está inserido, pois a educação transmitida nas escolas apresentou-se por bastante tempo de forma distante dos estudantes, revelando a falta de estímulo que os discentes possuíam no processo de aprendizagem. sabe-se que há: “desinteresse pela aprendizagem da língua, por falta de identificação dos alunos com o que aprendiam na escola, que excluía a relação do que nela se ensina com as situações reais de comunicação fora dela.” (PASSARELLI, 2004. p.17)

Logo, sente-se a necessidade, cada vez mais, que o professor se torne um agente motivador neste processo e que tente aproximar os educandos dos conteúdos trabalhados. Para que isso

aconteça de forma efetiva, é necessário que se deixe de lado uma educação autoritária, artificial e pouco significativa, para que a leitura se torne um fator estimulante e agradável, ao invés de apenas uma obrigação com fins avaliativos.

Partindo desse entendimento, motivou-se compreender os métodos e práticas pedagógicas no processo de leitura e escrita dos educandos, dessa forma:

a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita. (SOARES, 2004, p. 97)

Nesse sentido, a autora não desconsidera a importância da alfabetização da forma como se concebe em sala de aula, apenas adiciona que a leitura a partir da escrita deve acontecer a partir de atividades contextualizadas. Para que isso aconteça, o educador precisa estar constantemente ampliando seus conhecimentos por meio de cursos de formação que contribuam para um aprimoramento de práticas que se voltem também para aspectos além dos conteúdos que devem ser ministrados.

A amplitude referente ao conceito de alfabetização não se caracteriza somente pelo simples fato de saber ler e escrever, visto que, o letramento considera que além disso, é necessário prática sociais de leitura e escrita. é por esse motivo que se consideremos a alfabetização e letramento aspectos diferentes e indissociáveis, conforme explica Fernandes *et al*, (2011).

METODOLOGIA

A pesquisa trata-se de uma análise empírica, onde Meksenas (2007) explica que esta análise envolve-se na interação dos pesquisadores com os sujeitos e os objetos estudados, nesse caso serão compreendidas as experiências dentro da instituição de ensino e não o sistema e estrutura escolar. Serão avaliadas as relações das educadoras e educandos. Discorre também de uma pesquisa qualitativa, de estudos a partir da disciplina de Ensino de Língua Portuguesa, da UECE. Para uma posterior investigação em três Escolas públicas de Fortaleza- Ceará. Segundo (FARIAS; NUNES;

NÓBREGA-TERRIEN, 2010, p. 59). “No método qualitativo, o ‘todo’ é maior que a soma de suas partes, ele estuda o fenômeno na sua totalidade e valoriza a subjetividade”.

Na coleta de dados, foi utilizado a observação e logo após, entrevistas não diretivas com as 3 professoras das turmas observadas das referidas Escolas da rede municipal de ensino, no qual a primeira coleta de dados, Severino (2007), infere que esta é o caminho que facilita o acesso aos fatos apresentados no lócus da pesquisa. É um dos processos fundamentais que irão nortear as análises e a segunda, explica que:

Por meio delas, colhem-se informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante a vontade para expressar sem constrangimentos suas representações. (SEVERINO 2007, p 125).

Neste momento de descrição das observações e entrevistas, utilizaremos de nomes fictícios para facilitar a compreensão do leitor em identificar as professoras, nas suas respectivas Escolas, abordando sobre as suas vivências nas turmas do 1º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Na escola Brincando e Aprendendo, foi observado de imediato que a sala de aula não proporcionava um ambiente alfabetizador. Havia poucas demonstrações de atividades que envolvia a leitura e a escrita de maneira contextualizada deixando claro o pouco envolvimento com os aspectos sociais e significativos para os alunos. Segundo a professora Tatiana “*é complicado fazermos atividades diversificadas com as crianças pois são destinadas avaliações externas e elas precisam estar preparadas*”. A partir deste depoimentos, e os estudos de Franco e Raizer (2012), expressa-se a grande ênfase em alfabetizar distanciando-se do letramento sendo que, ambas as práticas não se dissociam.

Escola Aprender, observa-se que em sua estrutura, especificamente, na sala de aula do 1º ano do Ensino Fundamental, apresenta um ambiente alfabetizador, contando o cantinho da leitura, cantinho da matemática, cantinho dos jogos e brinquedos, é um espaço bem lúdico e de uma certa forma, encantador. Nesta também tinha o cantinho da linguagem, com livros, figuras, fantoches, quebra-cabeça e realmente é um lugar que faz com que os educandos se sintam acolhidos. O que nos chamou a atenção, infelizmente, de forma negativa, foi a postura da professora Joana, pois mesmo a Escola possuindo bons recursos para o processo de ensino e aprendizagem, ela

apresentava ser fria e mecânica com os estudantes, apresentando ser impaciente em compreender como as crianças estavam desenvolvendo suas atividades. Sabe-se que não se pode totalizar a prática de um educador em um dia de observação, mas esse dado nos preocupa, em nos questionar o que faz o educador ter esse tipo de postura.

Na Escola Saber para a surpresa da equipe, foi notado que o ambiente era de fato alfabetizador. Suas paredes, com inúmeros utensílios que proporcionavam o incentivo a alfabetização e ao letramento. Essa percepção intensificou-se ainda mais ao notarmos que antes de iniciar a aula, alguns alunos por iniciativa própria se apropriavam de livros para folhear, ver imagens ou tentar lê-los a sua maneira. O local tinha mais de um alfabeto na parede: um deles com letras na sequência e outro com as letras embaralhadas, tornando-se uma tentativa de associação das crianças à organização das letras. Durante a aula também foi possível identificar as atividades que a docente realizava com as referidas intenções, utilizando-se de contação de história, alfabeto móvel, etc. É válido salientar que a formação da professora era especialização em Língua Portuguesa, demonstrando o interesse que a mesma dava a turma em que estava. No mais, foi bastante enriquecedor a observação neste espaço e na compreensão de que espaços alfabetizadores são fundamentais na formação integral dos educandos.

Foram elaboradas três perguntas às professoras, sendo a primeira delas: Para você, o que é um ambiente alfabetizador?

Para a professora Tatiana: *“Um ambiente alfabetizador se caracteriza por ser principalmente lúdico que estimula o aluno a querer ler e escrever”.*

Professora Joana disse: *“O ambiente alfabetizador é aquele que proporciona uma diversidade de situações que envolvem leitura e escrita, onde o aluno tem a oportunidade de agir com o mundo letrado, que seja incentivado a participação real. A experiência e contextos variados e de diferentes gêneros, é fundamental para a constituição de um ambiente de letramento, pois por meio desse convívio, ele pode pensar sobre o uso da leitura e da escrita, formando hipóteses, construindo de como de ler e como se escreve.”*

Já a professora Alice afirmou *“O ambiente alfabetizador é um espaço onde a criança pode estar em contato direto com objetos que lhe ajude a perceber o mundo letrado. A minha sala eu considero um ambiente razoavelmente alfabetizador: eu tenho livros a disposição, gravuras,*

números; a gente tem cartaz com o nome deles, temos jogos, letras móveis, coisas que ele pode ter contato todo o tempo que ele está em sala de aula com o mundo do letramento.”

A segunda foi: Quais os seus métodos de alfabetização? De acordo com a professora Tatiana *“Utilizo principalmente a escrita espontânea já que é uma atividade bastante comprada e costume também contar histórias como forma de estimular a imaginação deles”*.

Professora Joana disse: *“Os métodos utilizados na alfabetização, posso destacar o tradicional e o construtivista como referências, mas acredito que o melhor método, é aquele que oportunizamos situações de aprendizagens significativas. É onde proporcionamos meios em que o aluno seja participante no processo de construção do seu próprio conhecimento e que nós professores, sejamos incentivadores nesse processo.”*

Professora Alice nos respondeu *“Na nossa linha de trabalho, é uma alfabetização para compreender o mundo letrado. Então agente trabalha os diversos suportes de texto, nesse sentido da criança compreender que a leitura, pois ela se dá com sentido, com significado, que é aprender a ler a vida, o seu entorno e daí a necessidade da gente trabalhar os tipos de textos diferentes, pois a leitura se dá no dia-a-dia.”*

A terceira: Quais as suas práticas sociais de leitura? A professora Tatiana afirma: *“quando trazemos para sala de aula, assuntos que fazem parte o cotidiano dos alunos e que seja significativos para eles, estamos utilizando algumas práticas sociais de leitura”*.

Professora Joana infere: *“As práticas sociais de leitura acontecem desde o momento em que o aluno entra em contato com o texto de circulação social e as interações, mediados e organizados pela escrita.”*

Professora Alice responde: *“Ler o que está no entorno da criança, pois em todo canto ele vai encontrar coisas que precise ler: quando pega um ônibus, por exemplo, serve para saber o nome da rua. Lembrando da minha prática: ele trabalha o número do sapato, tem que ser coisas que façam parte da vida dele e a intenção não é trabalhar só número, mas é trabalhar a idade, a data de nascimento dele, quantos irmãos ele tem, quantas pessoas moram come ele, qual o número da casa que ele mora, seu endereço, etc.”*

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De inúmeras formas, a inserção dos discentes pode ocorrer, no primeiro ano (fase da alfabetização) se faz necessário que esteja inserido em um ambiente alfabetizador com os elementos didáticos necessários para que se desenvolva suas habilidades integralmente.

Além disso, são necessários cursos de formação com o intuito de facilitar e ampliar alguns conceitos de alfabetização e letramento visto que, mediante algumas perguntas feitas para os referidos professores, percebe-se a amplitude da prática pedagógica concomitantemente com a precariedade das concepções de que se alfabetizem letrando. Acredita-se que: “ O professor que não possui esta formação linguística não terá a mesma facilidade para alfabetizar e poderá desencadear, no aluno, dificuldades de leitura e de escrita ao longo do processo alfabetizador.”(PIRES; FERREIRA; LIMA, 2010, p. 5)

Diante das pesquisas realizadas foi possível identificar diferentes noções sobre ambiente alfabetizador, importância da leitura e outras questões, demonstrando a diversidade de ideias que professores de uma mesma cidade possuem sobre a aprendizagem de leitura e escrita. E é possível identificar que mesmo com uma possível vontade de realizar um bom trabalho, as professoras possuem muitas dificuldades em sua prática, isso se deve a questões políticas educacionais que rondam a escola como um todo: pouco material disponível, desvalorização profissional, muitas horas de trabalho, dentre outras inúmeras obrigações que o docente deve cumprir. Estes são elementos que em conjunto tornam ainda mais difícil a ação do professor, que aos poucos pode ocasionar a sua acomodação, resultando em um desestímulo pessoal na profissão.

Enquanto isso, observa-se em todo o país a deterioração do ensino público, o desencantamento dos professores, ao desinteresse de estudantes pela carreira de professor levando ao fechamento de cursos de licenciatura, deficiências da estrutura física das escolas, de equipamentos e material escolar, baixos salários dos professores e funcionários, falta de regulamentação da carreira profissional e do regime de trabalho adequado, insuficiente preparação profissional dos professores e “tecnicização” da atividade docente, aligeiramento dos cursos de formação, fracasso dos cursos de formação de professores das séries iniciais, precarização do exercício profissional de professores de todos níveis de ensino, indefinições curriculares e dificuldades de gestão curricular, bem como a fragilidade das formas de organização e gestão da escola, falta de atendimento às necessidades materiais e culturais dos alunos, como livro didático, uniforme, biblioteca, práticas esportivas, saúde escolar etc.. Claro que o resultado disso não poderia ser outro: precariedade da aprendizagem dos alunos. (LIBÂNEO, 2011.)

Contudo, é neste momento que o professor possui uma “carta na manga” para que consiga reverter a situação a seu favor, se faz necessário que mesmo com as dificuldades encontradas na profissão, o docente consiga perceber que a culpa destes tantos dificuldades não é deles, nem tampouco dos alunos, mas que o profissional consiga perceber que juntos em uma parceria professor-aluno-escola poderão encontrar uma saída para tal situação.

Diante das observações e entrevistas realizadas com a professora Joana, compreendeu-se que ao analisar as suas respostas, ela trouxe contribuições relevantes para as formações das graduandas. Acredita-se que a educadora respondeu de acordo com os estudos referente a leitura e escrita, mas nessa relação entre o que se diz e o que se faz, não há uma proximidade, por meio de uma vivência que foi observada. Sabe-se que não se pode totalizar a prática da professora por um dia, porém, pode-se relacionar à outros fatores que a educadora vivencia, mas esse questionamento foi evidente em nossas compreensões .

Já a professora Alice nos passou bastante confiança naquilo que dizia, e realmente acreditamos que ela trabalhe de forma que estimule os alunos a desenvolver suas potencialidades em plenitude. Sua sala de aula, em um primeiro contato, já evidenciou que aquele era um espaço que estimulava os educandos, instigava em seu desenvolvimento cognitivo, sendo aquilo que chamamos de ambiente alfabetizador. O fato de a professora ser especializada em língua portuguesa para nós, evidenciou uma preocupação na formação das crianças, pois certamente a mesma possuía elementos fundamentais e estratégias que se tornariam um diferencial na aprendizagem, facilitando o processo.

Fazendo uma analogia com os estudos de Soares (2004), Passarelli (2004), Fernandes *et al*, (2011). Franco e Raizer (2012), Libâneo (2011) e outros autores, com as posturas docentes, bem como suas concepções sobre ambiente alfabetizador, práticas sociais de leitura e compreendendo os pensamentos delas acerca de seus métodos utilizados na alfabetização, pode-se entender que as educadoras, apresentam bons conhecimentos sobre a temática de alfabetização e letramento, e observamos que o pensamento destas educadoras está de acordo com os teóricos que respaldam esta pesquisa Porém, o que dificulta o desenvolver de suas atividades com os educandos é principalmente a precarização do trabalho docente, que sobrecarrega as educadoras com várias tarefas a fazer e dessa forma, elas infelizmente vão perdendo o encantamento com a educação, se tornando mecânicas, desestimuladas para exercer um trabalho de qualidade. Sabe-se que é essencial, as educadoras serem valorizadas em todos os sentidos e aspectos. Tomando consciência

disto e partindo desta reflexão, iremos ao encontro de novas possibilidades que favoreçam uma qualidade no processo de ensino e aprendizagem, facilitando aos educandos, o trabalhar dos conteúdos relacionados e leitura e escrita.

CONCLUSÕES

Durante muito tempo a alfabetização no Brasil foi ligada a ideia de “ler o que escreve e escrever o que ler”, contudo, aos poucos fomos aprendendo que esta aprendizagem tem que acontecer com significado para os discentes. Diante disso, foi nos apresentado a ideia de letramento, que liga a alfabetização às práticas sociais de leitura. O letramento tem que se dar integrado ao cotidiano dos estudantes para que aconteça de forma integral. Este é um caminho que aos poucos vai sendo trilhado no cotidiano das escolas, e o professor se torna um agente fundamental neste processo, pois é necessário que facilite o processo de aprendizagem inserindo o educando totalmente ao mesmo.

No contexto da sociedade contemporânea, alfabetizar partindo apenas do domínio da leitura e escrita no ato de codificar e decodificar é considerado insuficiente. É preciso que além disso, se tenha o exercício competente nas diversas situações em que se faça necessário o uso da leitura e escrita.

Compreendeu-se que a partir de experiências das graduandas dentro das salas de aulas, de diferentes realidades, é notável essa necessidade de alfabetizar letrando, favorecendo práticas sociais de leituras, onde o educador se torne um aprendiz ao ouvir e entender os conhecimentos prévios de cada criança, explicando os significados dos conceitos das palavras relacionadas com as experiências de educandos, mostrando exemplos reais e dessa forma a aprendizagem vai ocasionando um interesse maior na vida dos estudantes. Dessa forma, entende-se que: “Temos que partir de seus próprios níveis de percepção da realidade. Então, isso significa que temos que começar a partir da linguagem deles e não da nossa linguagem.” (FREIRE; SHOR, 1986, p. 92-93).

Por fim, vale ressaltar que não basta ter apenas um ambiente alfabetizador, sendo que o educador não tenha em mente as concepções acerca das práticas sociais de leitura, a dissociação entre leitura e letramento, não basta apenas as Escolas possuírem estruturas adequadas (não desconsiderando esta necessidade), mas a aprendizagem das crianças envolvem todos estes

elementos citados anteriormente, entende-se que esse processo é coletivo e que precisa ser efetivado a cada vez mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Trad.: Adriana Lopes. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FRANCO, S; RAYZER, C. M. Alfabetização e letramento: novas práticas pedagógicas. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/ensinofundamental/alfabetizacaoeletramento.pdf>>. Acesso em: 19 de out. 2015.

FERNADES, C. L.; RODRIGUES, B. D.; SILVA, É. A. S. de.; SOUZA, F. D. C. de.; PEREIRA, D. R.; Alfabetização Hoje: teorias, concepções vingentes e práticas docentes dos professores alfabetizadores. Out. 2011. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/simposio2011/publicado/artigo0147.pdf>>. Acesso em: 19 de out. 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. "Escola pública brasileira, um sonho frustrado: falharam as escolas ou as políticas educacionais." LIBÂNIO, JC; SUANNO, MVR Didática e escola em uma sociedade complexa. *Goiânia: CEPED* (2011): P. 75-95.

MEKSENAS, P. ; Aspectos metodológicos da pesquisa empírica: a contribuição de Paulo Freire. Nov. 2007. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/078/78meksenas.htm>>. Acesso em: 23 de out. 2015.

NÓBREGA - TERRIEN, S.M.FARIAS, I. M. S. de.; SALES, J. A. M. de.; Abordagens quantitativas e qualitativas na pesquisa em educação: velhas e novas mediações e compreensões. In: FARIAS, I. M. S. de.; NUNES, J. B. C.; NÓBREGA - TERRIEN, S.M (org). Pesquisa científica para iniciantes: caminhando no labirinto. Fortaleza: EdUECE, 2010. P. 53 – 66.

PASSARELLI, Lílian Ghiuro. Ensinando a escrita: o processual e o lúdico. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PIRES, M. G. P. das.; FERREIRA, G. L.; LIMA, F. D.; Alfabetização, professor alfabetizador e prática pedagógica. 2010. Disponível em em: <http://www.letramagna.com/artigo10_13.pdf>. Acesso em: 23 de out. 2015.

SEVERINO, A.J. 1941 - Metodologia do trabalho científico/ Antônio Joaquim Severino. - 23. ed. rev. e atual. - São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminho e descaminhos. Revista Pátio, ano VII, n° 29, fev./abr. 2004.

